

CIFRA

1.300

toneladas de lixo são geradas diariamente nas 39 cidades do Vale do Paraíba. O volume é equivalente a uma média de 600 gramas por habitante

3. Prefeitura de São José montou um grupo de trabalho para estudar a geração de biomassa no aterro sanitário da cidade

4. São José é uma das 10 cidades do Vale que tem aterro municipal, onde chegam 495,4 toneladas de lixo todos os dias

5. A cidade é a que mais reaproveita lixo em toda a região e recolhe 129,3 toneladas de material reciclável todos os dias

6. O Estado firmou termo de cooperação com a Alemanha para capacitar o sistema ambiental para licenciar termelétricas

Mercado movimentada R\$ 3 mi

Contratos com empresas que tratam de resíduos sólidos rendem mais de R\$ 3 milhões por mês, valor que pode ser multiplicado com o atendimento a outros municípios e empresas particulares da região e de fora

PONTO DE VISTA



ANDRÉA BEVILACQUA
SECRETÁRIA DE MEIO AMBIENTE

‘Estudamos a geração de biomassa em São José’

Andréa Bevilacqua, secretária de Meio Ambiente de São José, montou um grupo de trabalho para estudar a geração de biomassa no aterro sanitário da cidade, que recebe 495,4 toneladas de lixo todos os dias. A ideia é transformar parte do lixo em energia. Outros três pontos que estão sendo avaliados, segundo a secretária, são o aumento da coleta seletiva, do reaproveitamento do lixo e da política reversa. “Todos têm que ser responsáveis pelo seu lixo gerado”, afirmou. Uma das áreas que merecerá atenção especial é a de resíduos da construção civil.



ANDRÉ GALVÃO
GERENTE COMERCIAL DA VSA

‘Os aterros ainda são o modo mais barato’

André Galvão, gerente comercial da Vale Soluções Ambientais, defende os aterros sanitários como o modo de tratamentos de resíduos mais “eficiente e barato” para atender a demanda das cidades. Administrando um aterro em Cachoeira Paulista, Galvão não descarta o uso das novas tecnologias no lixo, mas ressalta que os processos ainda são caros. “Lixo não dá lucro para quem gera, o ideal seria não gerar, por isso viabiliza empreendimentos”.



CAROL TOMBA/O VALE

XANDU ALVES
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Entrar num aterro sanitário é uma experiência bem diferente da dos lixões que havia na região há alguns anos. Principalmente se o aterro for administrado por uma empresa.

O primeiro impacto é a escala. Juntos, os três aterros privados da região – Tremembé, Cachoeira Paulista e Jambéiro – recebem lixo de 27 das 39 cidades e têm capacidade para recolher mais de 5.000 toneladas de lixo diariamente.

E tal limite é aprovado pela Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) de acordo com a evolução dos empreendimentos. Ou seja, o valor normalmente cresce ao longo dos anos.

O segundo impacto dos aterros é a organização do processo de tratar o lixo, que tornou-se industrial.

A especialização, seguida do controle rígido das leis e dos órgãos fiscalizadores, transformou o problema do lixo em oportunidade de negócios para empresas.

Estima-se que, no Brasil, para um mercado que movimentava 64 de toneladas de lixo por ano, o setor gire nada menos do que R\$ 6,4 bilhões anuais.

SAIBA MAIS

→ TREMEMBÉ

Mais velho aterro da região, de 1982, o de Tremembé é administrado pela Estre Ambiental desde 2009. Ele recebe 1.300 toneladas por dia de lixo

→ CACHOEIRA PAULISTA

A Vale Soluções Ambientais é responsável pelo aterro, que recebe 350 toneladas por dia. A empresa também coleta e transporta o lixo em São José

→ JAMBEIRO

Caçula dos três, o aterro é tocado pela Engop Ambiental. Ele recebe 700 toneladas/dia

Energia. Rodeado de árvores por todos os lados, o aterro sanitário de Jambéiro, o caçula na região, vai construindo seu “império” do lixo.

A operação começou em novembro do ano passado e já conta com 700 toneladas de lixo por dia, atendendo quatro cidades da região.

Por mês, o lixo gira R\$ 1 milhão para a Engop Ambiental, empresa de Limeira (SP) que é dona do aterro.

O VALE visitou as instalações do aterro na última sexta-feira. A gigantesca vala que vai aparecendo na terra com as escadas no morro, escavadas para suportar o peso do lixo, será inteiramente coberta.



MARCELO CALTABIANO

No meio do lixo. Ao lado, pessoal do aterro sanitário de São José faz primeira grande separação de lixo em esteira em busca de recicláveis; acima, os morros onde são preparadas as valas que recebem o lixo no aterro de Tremembé, o mais antigo da região, criado em 1982, o maior dos três particulares instalados na região. Outras 10 cidades têm aterro municipal, como S. José

Para isso, nada menos do que 15 milhões de metros cúbicos de lixo terão que ser jogados ali dentro.

“É trabalho para 20 ou 30 anos”, diz o engenheiro ambiental Daniel Barbosa, gerente operacional do aterro.

INDUSTRIAL O processo de tratamento de lixo nos aterros é industrial: receber, pesar, avaliar, analisar e compactar

Para isso, nada menos do que 15 milhões de metros cúbicos de lixo terão que ser jogados ali dentro.

Ao lado de carretas, que não param de chegar, e tratores compactando o lixo em montes de terra, Barbosa confirma

que o setor é promissor e permite o crescimento profissional. “A gente cresce com a empresa. É gratificante”.

Mais. Controlado pela Estre Ambiental desde 2009, o aterro de Tremembé é o mais velho da região, tendo começado nos anos 1980. Para lá, diariamente, vão cerca de 1.300 toneladas de lixo.

Em Cachoeira Paulista, o gerente comercial André Galvão administra 350 toneladas de lixo por dia para a VSA (Vale Soluções Ambientais), dona do aterro e que coleta e transporta o lixo em São José.

A empresa recebe R\$ 1 milhão por mês com o contrato. ●

FISCALIZAÇÃO

Para Cetesb, aterros do Vale são adequados

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

A Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) é o órgão responsável por fiscalizar todos os aterros sanitários da região, concedendo as licenças operacionais.

Além dos três aterros privados, outras 10 cidades têm aterros municipais.

De acordo com técnicos da Divisão de Apoio ao Controle de Fontes de Poluição da Cetesb, todos os aterros da região são considerados adequados. Não há mais problemas de lixões a céu aberto.

No entanto, a empresa quer ir além. Está subsidiando políticas públicas e mecanismos para o tratamento do lixo.

São estimuladas a reciclagem, a coleta seletiva e a gestão dos resíduos sólidos, com uso de tecnologia para transformar lixo em energia, de forma limpa e sustentável.

Por outro lado, a Cetesb alerta que o lixo sem tratamento polui o solo, as águas subterrâneas e superficiais e traz risco às pessoas.

Termelétrica. O governo estadual firmou um termo de cooperação com a Alemanha para “capacitar o sistema ambiental para o licenciamento desta atividade”, informou a Cetesb.

No Estado, uma Usina de Recuperação de Energia a partir do lixo está sendo instalada em Barueri. São José desistiu de instalar uma usina dessas. ●

Município

Adequados

Reciclagem

Referência

Tecnologias

Pagamento

Doméstico

Dez cidades da região contam com aterro sanitário municipal: São José dos Campos, Jacareí, Areias, Piquete, Arapeí, Lagoinha, Natividade da Serra, Pinda, Redenção da Serra e São Luís do Paraitinga

Avaliação

Todos os aterros da região foram considerados adequados pela Cetesb. O único sem licença de operação é o de Arapeí, cidade que gera 700 kg de lixo por dia. A Cetesb disse que o aterro é “bem operado”

Ponto fraco

Segundo empresários do setor, os resíduos que poderiam ser reciclados ainda não são aproveitados na região. Cerca de 30% do lixo que vai para os aterros, em média, poderia ser recuperado

Reaproveitamento

A cidade que mais reaproveita o lixo é São José. A coleta seletiva foi implantada em 1995 e atende 100% da população. São recolhidas 129,3 toneladas de lixo reciclável todos os dias

Futuro

As novas tecnologias de tratamento permitem transformar o lixo em energia. A meta das empresas, da Cetesb e das cidades é aumentar o reaproveitamento e gerar riqueza com o resto

Europa

Empresários defendem a implantação do sistema gerador-pagador na região, como é na Europa. Cada família registra o quanto gera de lixo e paga pelo volume. A medida visa diminuir a quantidade